

O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver”

The role of deixis in evidential constructions with “quer ver”

Rebeca Emerich Alvarez¹
Marcos Luiz Wiedemer²

Resumo: Sob uma perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, mais especificamente sobre os estudos da dêixis Marmaridou (2000) e do Funcionalismo Linguístico (Gívón, 2001), investigamos o papel da dêixis na construção evidencial [quer ver] no português brasileiro, a qual denominamos de marcador de evidencialidade, formada pelo esquema complexo $[[V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção}}(\text{VER}\{\text{percepção não-visual (mental)}\})]$ Operador de Evidencialidade direta/indireta]], a partir da estratificação sincrônica, em dados extraídos da amostra *Now*, do Corpus do Português. A partir da análise de contextos de usos de evidencialidade direta e indireta, os resultados indicam uma relação estreita entre a dêixis projetada pelo falante e a expressão da evidencialidade na construção “[quer ver]”. Além disso, o campo dêítico desempenha um papel central na criação de um contexto compartilhado entre o locutor e o interlocutor, influenciando a interpretação e compreensão da evidência apresentada.

Palavras-chave: Dêixis. Evidencialidade. Língua Portuguesa.

Abstract: From the theoretical perspective of Cognitive Linguistics, specifically the studies of deixis by Marmaridou (2000) and Linguistic Functionalism (Gívón, 2001), we investigated the role of deixis in the evidential construction [quer ver] in Brazilian Portuguese, which we call an evidentiality marker, formed by the complex schema $[[V_{\text{Volitive(auxiliary)}} V_{\text{Percepção}}(\text{VER}\{\text{non-visual (mental) perception}\})]$ Direct/indirect evidentiality operator]], based on synchronic stratification, in data extracted from the *Now* sample, from the Corpus of Portuguese. By analyzing the contexts in which direct and indirect evidentiality are used, the results indicate a close relationship between the deixis projected by the speaker and the expression of evidentiality in the construction “[quer ver]”. In addition, the deictic field plays a central role in creating a shared context between the speaker and the interlocutor, influencing the interpretation and understanding of the evidence presented.

Keywords: Deixis. Evidentiality. Portuguese language

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mlwiedemer@gmail.com.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rebecaealvarez@gmail.com.

Introdução

No contexto da pesquisa linguística sobre a formação da construção [querer + ver] no português brasileiro (doravante PB), encontramos estudos que indicam a passagem de sentidos mais lexicais dos verbos “*querer*” e “*ver*”, os quais passam pelo processo de enriquecimento funcional (cf. Cezario, 2001; Rost, 2002) e desenvolvem novos usos, isto é, sentidos mais gramaticais. Nesse contexto, entre as possíveis configurações, o verbo “*querer*” assume o papel de auxiliar de futuridade (cf. Souza, 2019; Xavier, 2001; Viana, 2015; Costa; Souza; Vieira, 2020).

Na pesquisa de Costa, Souza e Vieira (2020), por exemplo, são apresentados os valores acionados pela construção [*querer* + *Vinfinitivo*], os quais, de certa forma, são simultâneos no que tange à aspectualidade. Podem indicar volição e futuro, nas formas de proximativo, iminencial inconcluso ou concessivo, representados por um *continuum*. Na extremidade do valor futuro, ocorre a realização propriamente dita, enquanto, na outra extremidade, o valor concessivo representa a não realização. No meio desse *continuum*, encontra-se o valor iminencial inconcluso, que descreve uma ação que quase aconteceu, mas não se concretizou, e o valor proximativo, que indica um futuro próximo.

Ao avaliarmos os achados de Costa, Souza e Vieira (2020), percebemos que os valores de futuridade identificados pelas autoras são aspectuais, ou seja, descrevem a maneira como uma ação ou evento é concebido em termos de sua duração, conclusão ou repetição. Com isso, é possível observar o caminho de desenvolvimento de *tempo* para *aspecto*, que resulta na passagem de um verbo pleno (*querer*) para verbo auxiliar (*querer*). Esse percurso confirma tanto o processo de gramaticalização (nos moldes do funcionalismo) quanto o de construcionalização gramatical (nos moldes da gramática de construções). Dessa forma, teríamos a passagem de [V_{Volitivo(pleno)}]Predicador simples] para [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)] (cf. Costa; Souza; Vieira, 2020).

Além do desenvolvimento para auxiliar futuro e de valores aspectuais (cf. Costa, Souza & Vieira, 2020), na pesquisa desenvolvida por Alvarez (2023), a autora aponta também o desenvolvimento dos valores epistêmico e de marcador evidencial para o esquema [quer + ver] em dados do PB. Interessa-nos, aqui, o valor evidencial, que pode ocorrer de forma direta (ver exemplo em 01) ou indireta (ver exemplo em 02), a seguir.

(01) “E, como você vai ver na lista abaixo, existe mesmo uma certa magia na forma como o pessoal dos bastidores mudam as feições das estrelas e fazem com elas fiquem completamente irreconhecíveis e de uma forma muito natural ainda por cima. **Quer ver?** Confira 33 fotos inacreditáveis de artistas caracterizados para os filmes...”³

³ Fonte: <http://segredosdomundo.r7.com/33-fotos-inacreditaveis-de-artistas-caracterizados-para-os-filmes/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

No enunciado em (01), a construção [quer ver] se configura entre períodos, introduzindo evidências diretas ligadas à primeira parte da enunciação, a serem concretizadas na dêixis compartilhada entre locutor e interlocutor. O sujeito animado, “você”, compõe uma predicação interrogativa, com o lexema verbal volitivo conjugado na terceira pessoa do singular, operando como um marcador evidencial de futuro proximativo, que se concretiza em seguinte à proposição dada na construção prejacente. O valor evidencial é obtido por meio do verbo imperativo da oração seguinte, “confira”, que estabelece o paralelo entre o referente (bastidores dos famosos) e o referenciado (fotos do que foi falado - artistas).

Assim, introduz-se a ideia de compartilhamento dêitico entre interlocutor e locutor, num dado evento temporal em comum, no qual se pode atestar a veracidade dos fatos via testemunho perceptivo, sendo a percepção sensorial, em ambos os casos, ativada por meio da visão, para que se comprove o argumento/fato expresso anteriormente. Dessa forma, a percepção de evento, que opera na camada do estado-de-coisas no nível representacional, indica se um evento foi (será ou está sendo) ou não testemunhado pelo falante (cf. Hengeveld & Dall’aglio Hattner, 2015). Com isso, a experiência sensorial direta instancia a evidencialidade direta em diferentes graus (cf. Givón, 2001), o que se percebe em (01), quando se mostra as fotos dos artistas dos quais se fala no enunciado prejacente. Dessa forma, “quer ver” operaria, portanto, como uma forma de conectar argumentos de forma a expor os aspectos da evidencialidade como reforço da predicação anterior.

(02) “*Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos. Quer ver? Se eu comer dois pastéis de queijo e uma fatia de bolo de chocolate, eu terei que viver de ar até o dia seguinte (cruel essa vida de dieta!!)*”.⁴

Em (02), a polaridade interrogativa entre os períodos parece atuar como uma espécie de operador evidencial, uma vez que o locutor elabora um argumento, projetando-o no argumento subsequente à construção e marcando a fonte da informação contida na enunciação (a dêixis é o próprio falante). Da primeira asserção emerge a modalidade epistêmica, quando o enunciador afirma: “*Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos*”, expondo suas convicções sobre o assunto e, a *posteriori*, comprovando por meio de um argumento evidencial. Isso mostra que há uma interseção entre valores epistêmicos e evidências, que colaboram para a construção da argumentação, na qual o sujeito traça uma premissa e, ao envolver o interlocutor na trama por meio da construção “quer ver”, comprova, no futuro que se consolida logo em seguida, a asserção estabelecida

⁴ Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/emagrecer/2015/04/22/aplicativos-dieta-melhores/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

inicialmente. O sujeito animado “você” está na terceira pessoa do singular, com o verbo “querer” no presente do indicativo, ao passo que o verbo “ver” está no infinitivo. Observa-se ainda que a marcação de futuro instanciada pelo verbo volitivo “querer” denota a defluência do tempo das enunciações, de um futuro proximativo concretizado na enunciação que se segue, em que o desejo de mostrar algo é realizado imediatamente⁵.

O campo dêitico, como vimos em (01) e (02), estabelece uma relação entre o locutor/interlocutor e o compartilhamento do espaço no ato de fala. Isso determina a fonte da informação por meio do lexema, denominada evidencialidade, a qual toma alguns itens do léxico, como verbos sensoriais, por exemplo, para evidenciar se o fato/evento/ação foi observado de forma direta, ou seja, observado/vivenciado por aquele que enuncia, ou de forma indireta, inferido, deduzido ou reportado.

Nossa hipótese é que a construção “quer ver” possa atuar como marcador de evidencialidade no PB, com a dêixis desempenhando um papel nesta marcação. O verbo “ver”, considerando a mudança linguística da percepção visual passiva para percepção não-visual passiva (mental), conforme já demonstrado pela pesquisa de Alvarez (2023), remete à expressão da fonte da informação contida em um enunciado. Isso não se refere apenas a uma evidência física, mas também abstrata, o que seria confirmado pela dêixis. Nosso objetivo, portanto, é verificar a atuação do papel dêitico na marcação da evidencialidade na construção “quer ver” em dados do PB, já que uma característica intrínseca aos evidenciais é a dêixis (cf. Vendrame, 2010), que pode ocorrer de forma direta/indireta.

O presente artigo está estruturado em quatro outras seções: na primeira seção, delimitamos a metodologia; na segunda seção, revisamos o modelo cognitivo idealizado da dêixis, que é a nossa fundamentação teórica; na terceira seção, revisitamos a correlação entre evidencialidade e dêixis; e, com isso, na última seção, apresentamos nossa análise da evidencialidade direta e indireta, bem como o papel da dêixis. Por fim, temos nossas considerações finais seguidas das referências.

Metodologia

A pesquisa baseia-se em dados de uso extraídos do Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org), referentes ao período de 2016 a 2019, dos quais foram extraídos usos do esquema formado por “querer” + “ver”. A escolha desse corpus se justifica pela sua abrangência e representatividade do uso contemporâneo da língua portuguesa. Utilizando ferramentas de busca e os filtros disponíveis na plataforma, foram selecionados exemplos que apresentassem valores de evidencialidade direta e indireta.

⁵ Alvarez (2023) indica que uma possível explicação para o desenvolvimento da dêixis é a mudança de percepção visual para percepção não-visual, especialmente mental e, como consequente, extensibilidade da construção, que promoveu o desenvolvimento de novos usos para a construção [quer+ver] licenciando os usos epistêmico e evidencial, além do valor de futuridade.

A amostragem incluiu uma variedade de gêneros textuais, tais como textos jornalísticos, acadêmicos, literários e de mídia social, a fim de garantir uma representatividade adequada dos diferentes contextos de uso. Os dados foram, então, categorizados⁶ e analisados qualitativamente.

O modelo cognitivo idealizado da dêixis

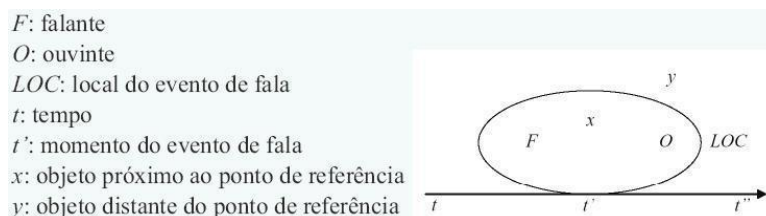
Marmaridou (2000), a partir da abordagem cognitivista, que não se preocupa em definir o que é ou não é um dêitico; mas analisa quais casos são mais ou menos prototípicos, ou seja, mais centrais ou mais periféricos. A autora propõe que a conceptualização da dêixis envolve um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) que se baseia no ato de APONTAR, desempenhando um papel fundamental na estrutura prototípica dessa categoria. Para a autora, trata-se de uma categoria pragmática responsável pela criação de um espaço mental, construído com base em um esquema imagético, ou seja, uma projeção metafórica de um espaço físico dentro de um espaço conceptual.

Ferreira e Ferrari (2006, p. 48), em relação à concepção de Marmaridou (2000), comentam que:

Essa concepção leva ao esquema imagético *centro x periferia*, o qual é baseado na experiência humana de ter um corpo com o centro (o tronco) e as periferias, sendo que a parte central é percebida como mais importante, já que as periferias dependem dela. Em função das noções do centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de *proximidade X distância*.

Assim, Marmaridou (2000) propõe a existência de um MCI da dêixis (ver figura 1, a seguir), que consiste na relação *centro vs. periferia* de apontamento entre os objetos, o ouvinte e o ambiente e o sujeito (eu), levando-nos a analisar a categoria dêitica a partir de uma escala de prototipicidade (cf. Bernardo, 2005).

Figura 01 – Modelo Cognitivo Idealizado da Dêixis



Fonte: Andrade e Ferrari (2017, p. 225).

⁶ Apesar de termos controlados os seguintes fatores: i) polaridade da predicação (afirmativa, interrogativa); ii) configuração da predicação verbal (reduzida ou desenvolvida), bem como o modo verbal (infinitivo, gerúndio ou participio); iii) presença de elemento negativo (não, nenhum); iv) pessoa gramatical; v) animacidade do sujeito; e vi) tipo de substantivo - concreto ou abstrato, neste artigo, iremos nos ater apenas a análise qualitativa e aos contextos de usos de evidencial direto e indireto.

O MCI dêítico proposto por Marmaridou (2000) envolve um ato linguístico de apontamento de uma determinada entidade no espaço, executado por um falante (F) em direção a um destinatário/ouvinte (O). Essa expressão dêítica constrói um espaço mental entre F e O, que estão presentes num dado espaço de tempo (t), e envolve a conceptualização do centro dêítico. Dessa forma, a imagem de um espaço físico é projetada conceitualmente em um espaço mental, estruturado a partir do esquema *centro-periferia*. Pinheiro e Avelar Miranda (2017), em seu estudo sobre o dêítico “*aqui*”, resumem o pensamento da autora:

O Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI) da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não focalizado. Dessa forma, uma expressão dêítica é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo (Pinheiro; Miranda, 2017, p. 114).

Assim, com base na noção de MCI dêítica de Marmaridou (2000), para determinar a categoria da dêixis, “deve acolher não só exemplos nitidamente dêíticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria” (cf. Ferreira; Fontes, 2010, p. 37). Ainda sobre isso, Ferreira (2006, p. 41), ao revisar o assunto, comenta que “em função das noções de centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de proximidade vs. distância”.

Dessa forma, a interpretação dos dêíticos é formada por elementos: falante, ouvinte, espaço e tempo, que estão inseridos em evento discursivo. Para Ferreira e Ferrari (2006, p. 49), “novos *grounds* surgiriam como alternativa ao *ground default*, porque representações mentais nos permitem transportar o valor *default* dos itens dêíticos para outros domínios (espaços mentais ou MCIs) construídos no discurso, que darão conta da informação pragmática”.

As considerações de Marmaridou (2000) oferecem uma valiosa contribuição para o estudo da dêixis ao abordar esse fenômeno como passível de manifestação por meio de diversas formas linguísticas. Sua pesquisa reconhece que as palavras em uma língua podem ser, em potencial, polissêmicas, permitindo, assim, que diferentes lexemas desempenhem papéis nesse fenômeno. Uma das contribuições de Marmaridou (2000) é justamente associar a definição da dêixis ao protótipo linguístico. Assim,

[...] os pronomes pessoais “eu” e “você(s)”, para indicar falante e ouvinte(s), demonstrativos (“este”, “aquele”), para indicar objetos próximos e distantes do falante, e advérbios locativos e temporais (“aqui”, “agora”), para referência ao local e ao momento do evento de fala. Ainda dentro do modelo, os dêíticos sociais, constituem formas socialmente marcadas para indicar os

participantes do discurso (ex. “você” versus “o senhor”/“a senhora”) (Andrade; Ferrari, 2017, p. 226).

Rühlemann e O'Donnell (2014) destacam ainda a questão da indexicalidade, descrevendo o que foi abordado por Peirce, que “os signos podem ser icônicos, simbólicos ou indexicais” (p. 332). Para os autores, os dêiticos seriam os indexicais, já que são palavras que variam de “sentido” a depender do contexto. Eles afirmam sobre os dêiticos que:

A referência que eles realizam é exofórica; isto é, dêiticos como *você*, *esta noite*, e *em minha casa* são meramente sinais; (Bühler 1990 [1934]: 93) apontando uma relação de algum tipo (pessoal, temporal, locacional etc.) que existe entre o falante e a situação (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199) (Rühlemann; O'Donnell, 2014, p. 332).⁷

A capacidade de tornar expressões normalmente não indexicais em expressões indexicais por meio de um contexto situacional adequado sugere que, em certas situações, quase qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente, desde que haja uma clara relação com as circunstâncias situacionais imediatas. A indexicalização é o processo pelo qual uma expressão ou termo é usado para se referir a algo em um contexto específico, muitas vezes através de índices, como pronomes, advérbios de lugar ou tempo, que dependem do contexto para obter seu significado completo. Neste contexto, Rühlemann e O'Donnell (2014, p. 333) afirmam que:

[...] no que diz respeito à possibilidade de indexicalizar expressões normalmente não indexicais, parece não haver limite, pois “praticamente qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente” (Levinson 2004: 101), desde que sejam usadas com uma visão imediata para circunstâncias situacionais.⁸

O entendimento da dêixis a partir de um gradiente permite ao analista compreender que, no desenvolvimento da argumentação, ela é promovida para que todos os envolvidos no ato comunicativo criem a mesma referência e reconheçam o que ou para onde o enunciador aponta, mesmo quando esta referência não é concreta, ou seja, a construção do significado dêitico envolve significados prototípicos e não-prototípicos. Dessa forma, admite-se que “nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si” (Ciulla, 2008, p. 56).

⁷ Cf. original “the reference they accomplish is exophoric; that is, deictics such as *you*, *tonight*, and *at my house* are merely “signposts” (Bühler 1990 [1934]: 93) pointing out a relation of some sort (personal, temporal, locational, etc.) that holds between the speaker and the situation (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199).

⁸ Cf. original “As regards the possibility of “indexicalizing” normally non-indexical expressions, there seems to be no limit, for “just about any referring expression can be used deictically” (Levinson 2004: 101) provided they are used with an immediate view to situational circumstances”.

Evidencialidade e dêixis

A forma como as pessoas se comunicam, revela suas intenções, nas quais a informação transmitida por alguém é proveniente do próprio emissor ou de outras fontes indicadas no enunciado. Através disso, é possível perceber atitudes em relação à informação transmitida e ao conhecimento que se tem dela. Uma das estratégias para expressar a origem dos conhecimentos do falante sobre uma informação é denominada de evidencialidade. Sobre isso, Haßler (2021) aponta que a evidencialidade compreende qualquer tipo de marcação que indica a fonte do conhecimento do falante, seja ela proveniente de sua própria observação, de comunicação externa, boato ou reflexão pessoal. Enquanto em algumas línguas a marcação da evidencialidade é obrigatória em todos os enunciados, nas línguas românicas não há meios gramaticalizados para tal indicação. Para a autora ainda, “as línguas românicas e o alemão, anexaram significados evidenciais a dispositivos linguísticos que originalmente desempenhavam outras funções” (Haßler, 2021, p. 150).

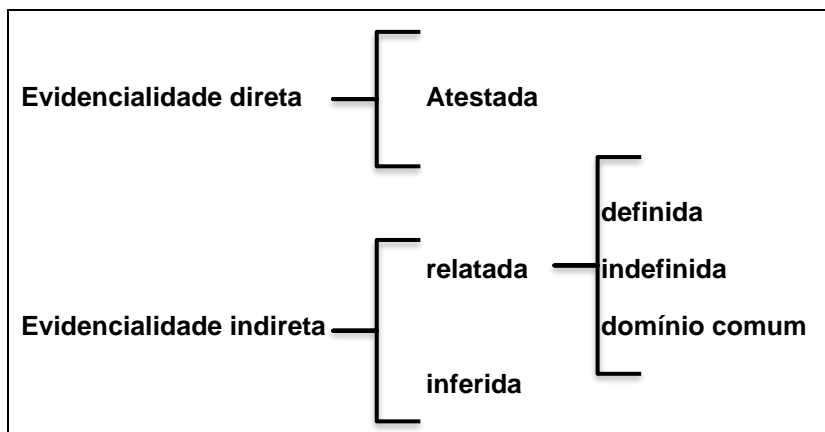
Hengeveld (1989) faz uma diferenciação entre modalidade epistemológica subjetiva e modalidade epistemológica evidencial, enfatizando a importância da fonte de informação na proposição. Por sua vez, Dall'Aglio Hattner *et al.* (2001) propõem uma classificação que considera a fonte de informação individualizada e a fonte de informação compartilhada, levando em conta as intenções comunicativas do falante. Eles afirmam que os evidenciais indicam que tipo de evidência está disponível para embasar a confiabilidade do enunciado, permitindo que o interlocutor avalie por si mesmo a confiabilidade da informação. Assim, a avaliação da verdade de uma proposição dependerá das diferentes fontes de informação apresentadas, como um relato de terceiros, uma percepção visual ou auditiva, uma inferência ou suposição do próprio falante (Carioca, 2018).

A existência de um sistema evidencial no português é uma proposta sugerida por alguns pesquisadores. Casseb Galvão (2001), ao investigar o processo de gramaticalização da construção “diz que”, indica o desenvolvimento de marcador de evidencialidade. Outra pesquisa que vislumbra o surgimento de marcas evidenciais, que especificam a fonte da informação, é a de Dall'Aglio Hattner *et al.* (2001). Nela, expressões como “diz que”, “parece que”, “sei lá” e “não sei” podem ser consideradas como estratégias de (des)comprometimento e passam pelo processo de gramaticalização, deixando de ser itens lexicais plenos para assumirem uma nova função: a de itens evidenciais ou modais. Em pesquisa anterior, Dall'Aglio Hattner (1996) já anunciara, embrionariamente, uma gradação do comprometimento do falante em relação à evidencialidade. Outro estudo é sobre o verbo *parecer* que é apontado como marcador de evidencialidade (Gonçalves, 2003).

A tipologia dos evidenciais depende da fonte de onde são extraídas pelos falantes. Se forem obtidas de forma testemunhal, em que o sujeito informa que viu, ouviu ou, de alguma

maneira teve contato sensorial com a situação descrita, são, segundo Willet (1988), mecanismos de evidência direta, já que houve uma relação de forma direta com a situação. Por outro lado, a evidência indireta é elaborada por meio de inferências, nas quais o falante, a partir de observações, chega a uma determinada conclusão, ou reportativa, cujo embasamento se dá por meio de afirmações de outros a respeito de certo assunto. Dall’Aglio-Hattner (2001) apresenta a seguinte tipologia dos evidenciais em língua portuguesa.

Quadro 01 - Tipologia dos evidenciais em língua portuguesa



Fonte: Dall’Aglio-Hattner (2001, p. 11).

Os verbos de percepção como *ver*, *ouvir* e *sentir* estão frequentemente associados à noção de evidencialidade em PB, pois remetem à expressão da fonte da informação contida em um enunciado (cf. Vendrame-Ferrari, 2012). Portanto, a evidencialidade seria a confirmação de dada informação por meio de um elemento gramatical, indicando a natureza das evidências. No entanto, existências características específicas que fazem com que um verbo de percepção seja evidencial ou não. De acordo com a autora, uma característica intrínseca aos evidenciais é a dêixis,

[...] a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêitica, ao passo que a evidencialidade indireta (reportativa e inferida) é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêitica do falante (Vendrame-Ferrari, 2012, p. 102).

Assim, o que está no campo dêitico do falante, ou esteve, é considerado direto, pois foi percebido por um dos sentidos da percepção que consideramos evidenciais. Por outro lado, os eventos fora da dêixis são considerados indiretos, uma vez que não foram vivenciados pelo falante, mas sim reportados a ele ou inferidos por ele.

Dessa forma, uma das principais características da leitura evidencial é a dêixis, considerada por muitos autores como algo inerente à evidencialidade. Alguns desses autores

até compreendem a evidencialidade como uma categoria dêitica. De acordo com De Haan (2005), o significado básico da evidencialidade é marcar a relação entre o falante e as ações e eventos descritos por ele. Assim, a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêitica, enquanto a evidencialidade indireta é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêitica do falante. Levando em conta a noção de dêixis na evidencialidade, pode-se dizer que, ao utilizar um evidencial, o falante adota um ponto de vista particular em relação à fonte da informação que transmite. Como o próprio falante está sempre envolvido de alguma forma na percepção ou recepção das informações, ele é o centro dêítico de grande parte das orações que expressam evidencialidade. Consequentemente, o falante e a pessoa gramatical correspondente ocupam uma posição especial nos paradigmas evidenciais (Vendrame, 2010).

Segundo o quadro da hierarquia da força evidencial de Givón (2001), a evidencialidade é distribuída da seguinte forma.

Quadro 2 - Hierarquia da força evidencial

(i) hierarquia de Acesso [Experiência sensorial direta > Inferência > Rumor (boato)] >>> (ii) sub-hierarquia sensorial [Visão > Audição > Outros] >>> (iii) Hierarquia dêitica pessoal [Falante > Ouvinte > Terceira pessoa] >>> (iv) Dêixis espacial [perto > longe] >>> (v) dêixis temporal.
--

Fonte: adaptado de Givón (2001).

Dessa forma, a fonte dos dados, o falante, a dêixis e o ponto de vista estão intimamente relacionados para que haja o fator de evidencialidade, pois a fonte precisa estar no campo da dêixis do falante para ser direta ou fora dela - inferente ou reportativa. Além disso, é necessário um dado ponto de vista específico, além de uma percepção, que esteja ligada, de forma prototípica, a um verbo de percepção sensorial, como aponta a pesquisa de Vendrame-Ferrari (2012), que destaca os verbos ver, ouvir e sentir.

Evidencialidade direta/indireta e o papel da dêixis: contextos de usos

Ao retomarmos as considerações de Marmaridou (2000) acerca do ato da dêixis, torna-se evidente que este envolve apontamento para uma entidade no espaço mental onde falante e destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. Nesse contexto, a dêixis implica um gesto de apontamento para uma entidade no espaço mental, conferindo à comunicação um elemento de coapresentação. Isso permite que os interlocutores compartilhem não apenas o espaço comunicativo, mas também o tempo, criando um terreno fértil para a compreensão mútua das referências, algo bastante defendido na visão funcionalista (ver, por exemplo, Dik, 1997).

Dessa forma, a dêixis é caracterizada pelo ato de indicar ou apontar para uma entidade no espaço. Esse ato é realizado por um falante e direcionado a um interlocutor que não está centralizado no foco da atenção. Nesse sentido, a construção de um campo dêitico guia a construção de um MCI partilhado por falante e ouvinte em um dado ponto no tempo, projetado no espaço discursivo através da metáfora centro-periferia. Ao realizar esse apontamento, contribui para a construção de um contexto compartilhado, em que ambos os participantes podem visualizar e compreender a referência em questão, representadas pela evidencialidade, que pode ocorrer de forma direta ou indireta. Neste contexto, a evidencialidade direta é caracterizada pela apresentação de informações observadas ou testemunhadas de forma direta pelo falante e desempenha um papel fundamental na comunicação linguística. Por outro lado, a evidencialidade indireta envolve inferências e deduções feitas a partir de evidências secundárias, como relatos de terceiros ou conhecimento prévio.

A fim de verificar nossa hipótese de pesquisa sobre o papel da dêixis na marcação da evidencialidade na construção "quer ver" em dados do PB, iniciaremos pela análise dos contextos de uso de evidencialidade direta, explorando como a construção "[querer + ver]" é utilizada para transmitir informações baseadas em percepções sensoriais diretas. Posteriormente, abordaremos os casos de evidencialidade indireta, investigando como a construção é empregada para indicar inferências ou conhecimento adquirido por meio de fontes secundárias. Vejamos o exemplo (03).

(03) *"Quer ver algumas matérias de o" Journal? Dirija-se à guia " more ",
passe os botões de navegação".⁹*

Em (03), temos um enunciado utilizado pelo falante para convidá-lo a observar o jornal. O complemento do verbo modal, segundo Ferreira (2020), pode hospedar um operador de futuro que se manifesta morfologicamente no próprio verbo. Assim, como verbos no infinitivo não possuem marcas morfológicas de tempo aparente, a projeção de futuro se forma pela constituição interrogativa da construção, em que o sujeito não participa da ação, apenas chama o interlocutor, também não especificado, já que se trata de uma propaganda, e essa é uma estratégia do gênero em questão. "Quer" indicando uma ação no presente, na segunda pessoa do singular, ao passo que "ver" infinitivo acompanha o verbo "quer", formando uma locução verbal. O verbo "ver" ao se juntar com o verbo "querer", este, por ser um verbo de atitude proposicional, auxiliar que marca o desejo/volição por parte do locutor ou interlocutor, apresenta certa transparência morfossemântica, cuja resposta à interrogação que propõe a

⁹ Fonte: <https://www.poder360.com.br/nieman/apple-news-plus-decepciona-quem-deseja-real-incidento-ao-negocio-de-noticias/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

visita ao site, encontra-se na próxima parte do discurso analisado. O complemento verbal, por ser concreto, “*algumas matérias de o Journal*”, contribui para que haja a correspondência conceitual, possibilitando uma leitura composicional da construção. Além disso, a marcação de tempo é elaborada através da implicatura de futuridade que se dá pelo uso do verbo de volição quando este atua como auxiliar, uma construção típica do PB que, de acordo com Moura e Santos (2016, p. 9), toma-se o futuro como “uma previsão feita pelo falante de que a situação colocada na proposição, que se refere a um evento localizado após o momento de fala, irá se realizar”, como, por exemplo: “*quer ver algumas matérias*” implicaria em acessar o site, o campo dêitico que locutor e interlocutor compartilham com a finalidade de que se conhecesse as matérias do jornal. O sujeito é animado “*você*”, o que aproxima o valor volitivo da perífrase.

No exemplo (04), o verbo “ver” indica um elemento no campo dêitico do interlocutor e do locutor, para que, de forma evidencial direta, observe o evento a que se refere, já que a construção “quer ver” é empregada como um convite direto ao interlocutor para testemunhar um evento específico.

(04) *Com as participações de MC Zaac, Tropkillaz, Maejor e produção de o DJ Yuri Martins, o clipe - gravado em o Morro de o Vidigal, em o Rio - já é um fenômeno em as redes sociais. **Quer ver?** Se prepara e aperta o play!*¹⁰

O verbo “ver” ressalta a natureza perceptiva e visual da experiência que está sendo oferecida, convidando o interlocutor a participar ativamente do ato de observação. A presença do campo dêitico, que estabelece uma relação entre locutor e interlocutor, é fundamental nesse contexto. Ao utilizar a expressão “quer ver?”, o locutor assume o papel de guiar o interlocutor em direção à experiência visual proporcionada pelo clipe musical. Dessa forma, a dêixis reforça a intenção comunicativa de compartilhar uma evidência direta e concreta. Além disso, a construção “quer ver?” atua como um marcador de evidencialidade direta, indicando que o evento a ser testemunhado está imediatamente disponível para observação. O convite para “se preparar e apertar o play” sugere uma ação imediata, enfatizando a urgência e o imediatismo da experiência visual que será proporcionada pelo clipe.

Vejamos mais dois exemplos de evidencialidade direta em (05) e (06), a seguir.

(05) “*Não consegui fazer o que foi sugerido, mas escrevi, **quer ver?***”¹¹
(06) “***Quer ver** como Juliana se saiu em as aulas? Confira os detalhes em o vídeo!*”¹²

¹⁰ Fonte: <http://multishow.globo.com/musica/materias/anitta-lanca-o-aguardado-clipe-de-vai-malandra-com-mc-zaac-tropkillaz-e-dj-yuri-martins-veja-aqui.htm>. Acesso: 30 jun. 2023

¹¹ Fonte: <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69388&>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹² Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/a-dona-do-pedaco/noticia/juliana-paes-faz-intensivo-de-confeitaria-para-viver-maria-da-paz-em-a-dona-do-pedaco.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Em (05), a fonte está no campo direto da evidencialidade, uma vez que os escritos parecem estar na dêixis do falante, utilizada em um contexto em que o interlocutor é convidado a testemunhar diretamente a ação realizada pelo locutor, neste caso, a escrita de algo sugerido anteriormente. O uso da construção "quer ver?" aqui implica que o resultado da ação está disponível para observação ou avaliação pelo interlocutor, inserindo-o no campo direto da evidencialidade e sugerindo que ele pode verificar ou confirmar a veracidade da afirmação feita. Essa construção não apenas o convida a observar o resultado da ação, mas também sugere certa confiança por parte do locutor na qualidade ou importância do que foi produzido. A dêixis, ao situar a ação no espaço comunicativo compartilhado entre locutor e interlocutor, reforça o convite implícito para que este participe da validação ou apreciação do que foi realizado.

Já em (06), a construção evidencia, voltando-se para o sujeito genérico "você", como a personagem Juliana se sai nas aulas, compartilhando, por meio da dêixis entre locutor e interlocutor, um vídeo em que se pode atestar o desenvolvimento da atriz no referido contexto. O espaço dêitico, ainda que metafórico, é criado e compartilhado entre o produtor e o receptor da mensagem, com a evidência direta projetada logo após a marcação evidencial por meio do questionamento. O gênero multimodal auxilia para que tal fenômeno linguístico ocorra.

Em contraste com os exemplos de evidencialidade direta, nos quais o interlocutor é convidado a testemunhar diretamente um evento presente, os casos de evidencialidade indireta envolvem inferências ou conhecimentos adquiridos por meio de fontes secundárias. Uma das formas de ocorrência é a reportativa, como em (07), em que a informação é baseada no relato de uma terceira fonte, provavelmente fundamentada em estudos sobre o caso, mas sem que a fonte exata seja reportada.

(07) *"As pessoas não sabem o que acontece aqui. Quer ver? A taxa de homicídios é de sete para cada 100 mil habitantes. Em Miami, é 12."*¹³

Segundo Miranda (2020), a estrutura reportativa possui o caráter de conferir credibilidade ou descompromisso ao enunciador, uma vez que não há indicação clara da fonte do discurso. Ou seja, tanto o falante quanto o ouvinte identificam uma estrutura lexical evidencial, onde um substantivo ocupa o lugar da fonte, e a partir dela são inferidos os efeitos de sentido, mesmo que esse substantivo seja indefinido e remeta a uma fonte bastante vaga. Esses usos evidenciam a importância da indicação da evidencialidade na construção do argumento. Além disso, demonstra que a expressão lexical da evidencialidade é comumente

¹³ Fonte: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,alckmin-e-o-candidato-do-meu-coracao-diz-franca,70002258277>. Acesso: 30 jun. 2023.

utilizada na língua portuguesa, ao ponto de ser percebida pelos interlocutores como uma estratégia argumentativa. O estudo da expressão lexical da evidencialidade reportativa e citativa é pertinente por diferentes razões, uma delas é identificada no uso frequente no discurso jornalístico, em que um conteúdo é atribuído a uma fonte, seguindo a reportatividade, mesmo que essa fonte não seja especificada, como é o caso do exemplo em questão.

Em (08), há a evidencialidade indireta inferida, em que o falante, mesmo sem testemunhar um fato, faz inferências sobre alguém, ou um fato.

(08) *“Apesar de muitos fãs terem ficado abalados com a notícia, não podemos dizer que foi exatamente uma surpresa, já que o ex-casal Brumar vinha dando alguns indícios de que tinha chegado ao fim. **Quer ver?**... Cadê a aliança?”¹⁴*

Neste caso, infere-se que o casal tenha terminado o relacionamento por causa da ausência do objeto que socialmente é usado no ocidente para marcar envolvimento amoroso – a aliança. Essa inferência é baseada na observação da falta do objeto supracitado, ou seja, a ausência da aliança. O uso da construção "querer + ver", neste caso, não se refere a uma observação visual direta da situação, mas sim à interpretação de sinais contextuais que levam o falante a inferir uma conclusão sobre a situação do casal.

A dêixis desempenha um papel importante para a interpretação desse contexto, uma vez que estabelece uma relação entre o locutor, o interlocutor e o objeto de inferência (a ausência da aliança). O convite implícito é para que o interlocutor "veja" esse sinal contextual e chegue à mesma conclusão inferida pelo locutor. Portanto, ao analisar esse exemplo de evidencialidade indireta na construção "querer + ver", podemos observar como o uso dessa expressão pode indicar não apenas a observação direta de eventos, mas também a interpretação de sinais contextuais para fazer inferências sobre uma situação ou evento.

Em (09), podemos observar que a construção “quer ver” é posicionada ao final do enunciado modificando a função, que, neste caso, vem após o argumento, na tentativa do emissor da mensagem em ratificar a argumentação proposta por um verbo “imperativo”, colocado logo após a construção (“repare”).

(09) *“...os próprios céticos foi quem baixaram a guarda e começou de maneira baixa, não estão protegidos por falta de idoneidade e humanidade, **quer ver? Repare...**”¹⁵*

¹⁴ Fonte: <https://capricho.abril.com.br/famosos/6-indicios-de-que-bruna-marquezine-e-ney-mar-nao-estavam-bem/>. Acesso: 30 jun. 2023.

¹⁵ Fonte: <https://www.ceticismoaberto.com/ufologia/900/ventilador-transformista-os-cabelos-que-diferena>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Essa estratégia tem como finalidade operar como verdade, apelando para o interlocutor se colocar como parte do proposto. O sujeito não é marcado, mas atua na ação por meio do verbo posterior. Em outras palavras, o infinitivo está ancorado no verbo imperativo. A implicação do futuro ainda é construída pelo operador de futuridade, o verbo volitivo “quer”, na terceira pessoa do singular, junto ao verbo de percepção “ver”, no infinitivo, formando uma interrogativa, cuja resposta se dá por meio das evidências dadas anteriormente e acionadas pelo locutor com o objetivo de ser confirmada pelo acordo com o leitor/interlocutor. Contudo, não é um acordo explícito, mas sim induzido pela noção de verdade que se constrói com a estrutura: [argumentação + interlocução + participação ativa]. A transparência, entretanto, deixa de ser atestada, uma vez que se perdem traços mais lexicais do verbo “ver”, que não tem mais a noção de “fitar com os olhos”, mas sim de atestar algo baseado em evidências reportativas, traçando um paralelo entre o que se fala e uma ação do falante (a ação de reparar).

Em (10), o falante indica que, por ser um homem ao vir em sua direção, “vai encher o saco”.

(10) “*Lá vem um homem, **quer ver** que ele vai me encher o saco*”.¹⁶

Ela faz essa inferência ligando A (metafórico) = homens são chatos e assediam mulheres + B (percepção/visão) = há um homem vindo na minha direção. Apesar de ter certa futuridade na fala, ela já apresenta a evidencialidade com os fatores de inferência que apresenta antes e a oração posterior, porquanto, antecipa um fato apresentando como evidência uma inferência. E é aqui que discordo do modo verbal dos verbos de percepção evidenciais serem apenas passado e presente, esse exemplo mostra que podemos ter um futuro, mesmo que não distante, nesta modalidade verbal.

Em (11), temos mais um caso inferido a partir de uma série de eventos em que aconteceram coisas semelhantes na vida do falante; ele já supõe que tal se repetirá, e essa evidência se comprovará com os aspectos fisiológicos que seu corpo dará como sinais de vergonha.

(11) “...***quer ver** que ela vai esquecer de mexer e vai queimar?*”¹⁷

Os três exemplos se aproximam, pois possuem o sujeito na primeira pessoa do singular, falante no campo dêitico, inferência por situação análoga no passado, dedução por ter algo no campo de visão do sujeito que leve a essa inferência, futuro baseado nas

¹⁶ Fonte: <https://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹⁷ Fonte: <http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>. Acesso em 23 ago. 2022.

evidências inferidas do passado a serem confirmadas em imediato por meio de uma ação de um terceiro ou de algum fato.

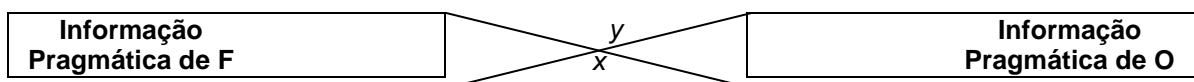
Podemos observar, adicionalmente, que o valor modal pode ser corroborado através do continuum modal, que varia desde "quer ver que" até "quer ver", como exemplificado. Essa variação no uso modal reflete diferentes níveis de ênfase e intensidade na expressão do desejo ou vontade do falante em relação à confirmação da proposição.

No contexto da dêixis, percebemos a presença constante da primeira pessoa do singular, indicando a centralidade do falante na expressão linguística. A dêixis é um fenômeno linguístico em que o significado de certas palavras ou expressões depende do contexto, especialmente em relação à identidade do falante, do ouvinte e do contexto situacional. Ao observar a referência à série de eventos e a situações similares na vida do falante, notamos uma forte conexão entre dêixis e a ideia de continuidade temporal. A inferência baseada em eventos passados cria uma relação temporal, em que o falante se posiciona no presente, mas sua fala é ancorada nas experiências anteriores, conectando passado, presente e futuro de forma coesa.

Como vimos nos exemplos, a presença do campo dêítico, com o uso da primeira pessoa do singular, intensifica a dimensão dêixis, uma vez que a linguagem é ancorada na perspectiva individual do falante. A dedução feita pelo falante em relação ao futuro, utilizando como base a evidência inferida do passado, revela uma manifestação clara da dêixis temporal e causal. A referência aos aspectos fisiológicos do corpo destaca a dêixis pessoal e corporal, onde o corpo do falante se torna um marcador significativo de suas emoções e estados mentais. Este uso da dêixis corporal adiciona uma dimensão sensorial e pragmática à expressão linguística, reforçando a interconexão entre linguagem, experiência e corpo. Em suma, a discussão sobre dêixis nesse contexto destaca não apenas a temporalidade e a causalidade, mas também a dimensão pessoal e corporal da linguagem, ilustrando como a dêixis enriquece a expressão linguística ao vincular as palavras e as ações diretamente à experiência individual do falante.

Dessa forma, por meio do campo dêítico (cf. Marmaridou, 2000), o falante pode, portanto, referenciar elementos tanto próximos do campo de referência (x), ou seja, de forma direta, como distantes do campo de referência (y), de forma indireta, que são concretizados na dêixis compartilhada entre locutor e interlocutor, levando em conta as informações pragmáticas de ambos, que podem ser representados pela construção '[quer ver]' no PB. Procuramos representar esse pensamento na figura (02), a seguir.

Figura 02 – Representação do campo dêítico e fonte de evidência





Fonte: Elaborada a partir das representações de Dik (1997) e Marmaridou (2000).

O desenvolvimento da marcação de evidencialidade na construção “quer ver” é marcado por uma evolução complexa, destacando-se a evidência reprodutiva inferida, indireta, e a evidencialidade direta. Um possível caminho de mudança linguística é aventado por Alvarez (2023) que o percurso se inicia com construções volitivas simples, progredindo para auxiliares volitivos associados a predicados infinitivos, indicando um estado de coisas futuro. À medida que avança, incorpora a percepção visual como elemento de evidencialidade, passando por percepções não-visuais passivas (sensoriais) até chegar à percepção não-visual mental. O ponto mais saliente desse percurso de mudança linguística ocorre quando a estrutura inclui a percepção não-visual mental em conjunto com verbos de visão, marcando tanto evidencialidade direta quanto indireta. Este processo reflete uma intrincada rede de construções que expressam nuances de temporalidade e fontes de informação. Essa hipótese da autora coaduna a proposta de Haßler (2016), que também alude para o desenvolvimento da percepção para conclusão (direta) visual ou não-visual em termos de previsibilidade tipológica.

Considerações finais

A hipótese levantada neste artigo sugere que a evidencialidade na construção “[quer ver]” parece estar relacionada à dêixis projetada pelo falante, podendo ocorrer de forma direta, em que o fato/evento/ação é observado de forma direta, ou seja, observada/vivenciada por aquele que enuncia. Em outras, pode ocorrer de forma indireta, inferida, deduzida ou reportada, em que há uma inferência baseada em conhecimentos acumulados e percepções sensoriais para antecipar eventos futuros. O uso da primeira pessoa do singular e a referência a situações passadas reforçam a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal.

Além disso, a utilização frequente da referência a situações passadas reforça a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal na expressão linguística. Essa continuidade temporal atua como um facilitador para a compreensão entre os interlocutores, pois estabelece um contexto compartilhado que facilita a interpretação das evidências apresentadas, o que reafirma a proposta de MCI para a dêixis de Marmaridou (2000).

Por fim, a partir da análise aqui empreendida, sugere-se uma relação entre o campo dêitico e a evidencialidade, que se dá a partir da experiência sensorial direta (visão) ou a partir de informações compartilhadas, que são tomadas em termos de informação mútua com outrem em um dado tempo (metafórico ou não).

Referências

- ALVAREZ, R. E. **“Quer ver” como fica a análise dessa construção**: futuridade, modalidade e evidencialidade. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- ANDRADE, H.; FERRARI, L. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes *we* e *you* em inglês. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 219-241, 2017.
- BERNARDO, S. Pronome *você* na dêixis conversacional. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 171-192, 2005.
- CARIOCA, C. R. A integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos na manifestação da evidencialidade. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 112-129, 2018.
- CASSEB GALVÃO, V. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil**: os usos da expressão *diz que*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- CEZARIO, M. M. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COSTA, M. G.; SOUZA, L. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Construções de Futuro com Verbos Volitivos no Português do Brasil: *querer* + Verbo no Infinitivo. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. (org.). **Linguística Baseada no Uso**: explorando métodos, construindo caminhos. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2020.
- DALL'AGLIO HATTNER, M. M. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **Revista Alfa**, n. 40, 1996.
- DALL'AGLIO HATTNER, M. M. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. de M. (org.). **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).
- DE HAAN, F. The Cognitive Basis of Visual Evidentials. **Conceptual and discourse factors in linguistic structure**, CSLI Publications, p. 91-106, 2001.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**: The structure of the clause. 2. ed. rev. Editado por Kees Hengeveld. Mouton de Gruyter: Berlim, Nova York, 1997.
- FERREIRA, J. S.; FERRARI, L. V. Mesclagem, polissemia e dêixis. **Revista Linguística**, v. 2, n. 1, p. 39-68, 2006.
- FERREIRA, L.; FONTES, V. M. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada "a gente" como categoria radial. **Revista Linguística**, v. 6, n. 2, p. 30-46, 2010.
- FERREIRA, M. Vista do Alçamento em Complementos Infinitivos do Português. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, p. 1-19, 2020.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

HABLER, G. **Temporalität, Aspektualität und Modalität in romanischen Sprachen**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2016.

HABLER, G. Marcadores de evidencialidade no português do Brasil. **Confluência**, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 148-177, 2021.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood, and Modality in Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, p. 227-269, 1988.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO HATTNER, M. M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

MARMARIDOU, S. **On Deixis. Pragmatic meaning and cognition**. (Pragmatics & Beyond, New Series). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MIRANDA, A. F. A expressão da evidencialidade reportativa e da evidencialidade citativa na língua portuguesa. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 1511–1528, 2020.

MOURA, R. M. C.; SANTOS, R. M. Como fazer um artigo de opinião. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2016, Campina Grande-PB. **Anais [...]**. Campina Grande: Garden Hotel, 2016.

PINHEIRO, H, P. F.; AVELAR MIRANDA, M. Uma análise cognitiva do dêitico aqui em dados orais e multimodais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, p. 113-122, 2017.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. **Working Papers em Linguística**, v. 6, n. 1, p. 116-134, 2002.

RÜHLEMANN, C.; O'DONNELL, M. B. Deixis. In: AIJMER, K.; RÜHLEMANN, C. (org.) **Corpus Pragmatics**, p. 331-359, 2014.

SOUZA, Y. C. A. Muito além do serviço: o jornalismo utilitário do quadro trailer do bem. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 24, 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Intercom, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0506-1.pdf>.

VENDRAME, V. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. São José do Rio Preto. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2010.

VENDRAME-FERRARI, V. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 101- 115, 2012.

VIANA, F. L. *et al.* **O ensino da compreensão leitora**: da teoria à prática pedagógica: um programa de intervenção para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. 2015.

WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. **Studies in Language. International Journal sponsored by the Foundation “Foundations of Language”**, v. 12, n. 1, p. 51–97, 1988.

XAVIER, M. M. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**: leituras do jornalismo político no ensino médio. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

Sobre os autores

Rebeca Emerich Alvarez

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4978-7174>

Mestre em Estudos Linguísticos (UERJ) e Doutoranda em Estudos Linguísticos (UERJ).

Marcos Luiz Wiedemer

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>

Mestre em Linguística (UFSC) e Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP). Professor Associado (linguística) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN/UERJ). Procientista (Faperj). Bolsista CNPq.

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.